

## Leitura e Formação Docente

Profa. Dra. Patrícia Kátia da Costa Pina<sup>1</sup> (UNEB)

### **Resumo:**

*Esta Comunicação pretende discutir a Leitura como atividade interdisciplinar, capaz de pôr em interação diferentes campos de saberes, descentralizando-os. Nessa perspectiva, a Leitura surge como relevante instrumento de formação docente e, por consequência, discente, tanto no âmbito escolar e universitário, como nas diferentes sociabilidades que estruturam a contemporaneidade. Para tanto, serão comparados variados conceitos de Leitura (Iser, Zilberman, Lajolo, Yunes, Aguiar, Moraes da Costa, Theodoro da Silva, Canclini), de forma a que se perceba que o deslocamento do âmbito conceitual imanentista viabiliza a percepção da Leitura num sentido amplo e interdisciplinar, o que constrói um espaço simbólico riquíssimo de interseção de conhecimentos. Pretende-se destacar que o professor leitor, de qualquer textualidade disponível, Literatura, Matemática, Biologia, História etc., forma uma Escola e uma Universidade leitora e, em decorrência, forma grupos sociais críticos. Esta proposta se justifica por propor esse deslocamento das discussões sobre leitura, sempre atreladas às Letras e, principalmente à Literatura, colocando o tema como uma alternativa para se pensar a ação docente hoje.*

**Palavras-chave:** Leitura, Formação Docente, Interdisciplinaridade

Sempre que se pensa em escrever sobre leitura ou pesquisar acerca do tema, o olhar interessado se volta para as Letras. Na Escola, a Leitura cabe sempre ao professor de Língua Portuguesa e Literatura – na maioria das vezes, nem os professores de língua estrangeira assumem a responsabilidade com a leitura de seus estudantes. Na Universidade, levando-se em conta as diferentes formações, cabe ao professor que atua nos cursos de Letras o enfoque da leitura. Os engenheiros não leem? Nem os médicos? Nem os advogados?

Somos todos leitores. Os das Letras leem as palavras e os discursos. Os da Educação, os métodos, os instrumentos, o currículo etc. Os das Ciências, a vida em suas múltiplas formas e relações. Os da cultura e da sociologia, o homem em seus trânsitos e conflitos, suas construções e alteridades. Lemos todas as horas, todos os dias, todas as semanas, todos os meses. O homem se constitui como tal a partir de sua capacidade de ler, mesmo que seja analfabeto. A leitura preside nosso estar no mundo e define, muito intimamente, as práticas docentes de todos nós, em qualquer nível e campo do saber que atuemos.

É preciso construir uma diferenciada abordagem da leitura, investigando como ela funciona nas variadas Formações Docentes, enquanto instrumento de amplificação das visões de mundo contemporâneas, cujas fronteiras disciplinares cartesianas vêm sendo redimensionadas. Prigogine, ao refletir sobre questões da Física relativas ao pensamento científico nas últimas décadas do século XX, afirma:

Assistimos ao surgimento de uma ciência que não mais se limita a situações simplificadas, idealizadas, mas nos põe diante da complexidade do mundo real, uma ciência que permite que se viva a criatividade humana como a expressão

singular de um traço fundamental comum a todos os níveis da natureza.  
(PRIGOGINE, 1996, p.14)

Para Prigogine, as leis da natureza – e seus estudos – não podem mais tratar apenas de certezas morais, mas de possibilidades de construção de conhecimento. Nas últimas páginas de seu livro *O fim das certezas*, o pesquisador declara:

Neste processo de construção de um caminho estreito entre as leis cegas e os eventos arbitrários, descobrimos que grande parte do mundo havia até então ‘escorregado entre as malhas da rede científica’, para retomarmos uma expressão de Whitehead. Discernimos novos horizontes, novos riscos. Vivemos um momento privilegiado da história das ciências.  
(PRIGOGINE, 1996, p.199)

O privilégio da contemporaneidade, no que tange aos saberes humanos, parece ser a testagem de seus limites epistemológicos. Não se pretende desconsiderar as práticas científicas de matriz positivista: um dos objetivos deste Programa é discutir suas metodologias, suas formas de pesquisa, suas maneiras de organização de conteúdo, à luz de um olhar transversal, holístico.

Segundo Basarab Nicolescu (1999, p.8), a interdisciplinaridade, ao fazer transitarem os métodos de uma disciplina a outra, ultrapassa as fronteiras da disciplinaridade, permanecendo, no entanto, inscrita nela. Já a transdisciplinaridade, método de pensamento e ação no qual se insere esta Proposta, aponta para o que se coloca entre as disciplinas, através delas, no esforço de refletir sobre os saberes por meio de traços que os liguem, não na superfície, mas na profundidade de suas variadas formas.

Na perspectiva do pensamento simples, de matriz cartesiana, o espaço simbólico entre as disciplinas é oco, vazio. O pensamento complexo constrói suas reflexões a partir de redes de saberes que se entrecruzam e que desestabilizam as certezas positivistas. A forma tradicional de classificar e hierarquizar o conhecimento, a qual sustenta as pesquisas científicas em geral, na perspectiva transdisciplinar, é restritiva e simplificadora. A inter e a transdisciplinaridade se estabelecem como método de pesquisa e ação docente por complexificarem as relações internas e externas das disciplinas, a partir do que se percebe como a descontinuidade dos saberes.

A revolução quântica, no campo da Física, desdobrou-se, atingindo os demais campos de saber, uma vez que repensa a noção de Realidade – algo que resiste às nossas ações – entendendo que esta comporta diferentes níveis. Tal percepção coloca a abstração como ferramenta de relacionamento do homem e seus produtos com o mundo.

Para Edgar Morin (1990, p.15), o paradigma da simplicidade mutila o pensamento humano, por sua metodologia compartimental de organização de saberes. Ao discutir tal paradigma, ele o define como “[...] princípios supralógicos de organização do pensamento [...] princípios ocultos que governam a nossa visão das coisas e do mundo sem que disso tenhamos consciência”. O que esta comunicação intenta é pôr em discussão os princípios que subjazem às possibilidades de diferentes concepções de formação docente, espalhadas pelas escolas e universidades brasileiras.

Seguindo a perspectiva de Morin, quero discutir as lógicas relacionais que, por meio de noções mestras, separam e hierarquizam conhecimentos. Os binômios pelos quais opera o paradigma da simplicidade polarizam, valorativamente, práticas, saberes, ações, eliminando particularidades e fechando leis e identidades por generalizações e exclusões relacionais.

Em *A cabeça bem-feita* (2003), Edgar Morin associa a reforma do pensamento surgida desde a revolução quântica a uma reforma do ensino. A lógica da complexidade seria a grande provocação desse processo. Considerando a Educação como os meios que engendram o ser humano em suas sociabilidades, Morin discute a hiperespecialização nascida do pensamento tradicional cartesiano

como instrumento provocador de uma cegueira humana, no que tange ao global e essencial. Ele afirma:

Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento. (MORIN, 2003, p.15)

Isso dificulta a relação entre saberes escolares e vida cotidiana, pois aos estudantes é negada a possibilidade de entretecer seus conhecimentos. A reflexão sobre essa compartimentalização dos saberes escolares, a partir dos paradigmas emergentes nos diferentes campos de conhecimento, viabiliza pensar que ler é interpretar e que tudo que se ensina e se aprende é fruto/objeto de interpretação. As paisagens, os poemas, os animais, os microorganismos, as águas, a lógica matemática, as línguas, a história, a memória, tudo isso nasce como conhecimento e disciplina através da leitura do mundo e se oferece aos olhos humanos também sob a forma de objetos a serem lidos e interpretados, mesmo que por matrizes excludentes. Os matemáticos, os engenheiros, os geógrafos, os historiadores, os cientistas sociais, os linguistas, os críticos literários, os biólogos, os tradutores, os educadores são leitores inter/transdisciplinares da vida e do mundo, mesmo que não saibam e não queiram.

A leitura, entendida como atividade comum ao cotidiano do homem, mescla saberes e métodos das artes, das letras, das ciências, da educação, e, qualquer que seja o objeto lido, se constitui como o instrumento maior de Formação Docente, uma vez que é pelo olhar crítico sobre o mundo (nossa concepção de Leitura) que o Sujeito se emancipa das muitas armadilhas educacionais, científicas, midiáticas, artísticas, com as quais se depara todos os dias, colaborando imensamente para o crescimento econômico, social, cultural de seu entorno.

[...] a cultura das humanidades favorece a aptidão para a abertura a todos os grandes problemas, para meditar sobre o saber e para integrá-lo à própria vida, de modo a melhor explicar, correlativamente, a própria conduta e o conhecimento de si. (MORIN, 2003, p.33)

Os saberes, por mais sólidos que sejam, não são eternos, nem absolutos. São sempre passíveis de Leitura, de “meditação”. Os conhecimentos, todos eles, merecem ser lidos. Na perspectiva de Edgar Morin e de estudiosos que se dedicam a discutir as muitas certezas que constroem e direcionam o olhar humano sobre o mundo, é possível definir a Leitura como atividade transdisciplinar, ancorando-a não apenas ao âmbito do literário e do linguístico, como usualmente ocorre, mas a diferentes campos de saber e a variadas textualidades, uma vez que a define como instrumento fundamental da formação docente. Isso se dá pela relação estabelecida entre o ato de ler e as múltiplas linguagens que a ele se oferecem.

Entendo a Leitura, aqui, como instrumento de formação de sujeitos críticos, capazes de refletir, sob óticas variadas, acerca do mundo em que vivem e que constroem em seu cotidiano, interpretando-o. Para Eliana Yunes,

Ler é inscrever-se no mundo como signo, entrar na cadeia significante, elaborar continuamente interpretações que dão sentido ao mundo, registrá-las com palavras, gestos, traços. Ler é significar e, ao mesmo tempo, tornar-se significante. A leitura é uma escrita de si mesmo, na relação interativa que dá sentido ao mundo. (2009, p.53)

O ato da leitura coloca o sujeito leitor no mundo, num processo simultâneo e recíproco de reconstrução. Ler dá ao mundo gamas novas de significação. Ler é transformar e transformar-se. O leitor torna-se Outro em relação a si mesmo. Não há neutralidade no ato da leitura – ler é uma travessia das múltiplas textualidades inscritas no texto verbal, não-verbal, literário, documental,

científico etc.. E atravessá-las significa pôr em diálogo os repertórios previstos no texto/obra e os repertórios pertinentes a cada leitor/interlocutor empírico – ou seja, ler pode ser entendido como um dos jogos de poder possíveis na sociedade. Marta Morais da Costa inscreve a Leitura num trânsito transdisciplinar que sintetiza as bases desta discussão:

A relação entre leitura, ciência, cultura e educação é realizada pelo sujeito-leitor que, ao traduzir a linguagem em significação e, em algumas circunstâncias, essa significação em ação efetiva, altera e transforma o mundo que o cerca. (2009, p.95)

Minhas inquietações estão ligadas ao espaço físico e simbólico que habito profissionalmente, elas se inserem em um universo no qual os limites entre urbano e rural são muito fluidos. A região de Caetité e Rio de Contas, definida historicamente como *Sertoins de Sima*, bem como os espaços urbanos e rurais que formam o Oeste e o Sudoeste da Bahia, não tinham seus municípios principais como ambientes urbanos, em sentido estrito. Segundo a pesquisadora Maria de Fátima Novaes Pires (2009, p.270), “Os costumes e hábitos dos moradores das roças, praticamente não se diferenciavam daqueles que viviam nas pequenas cidades do Alto Sertão.” Essa fluidez de limites entre rural e urbano se mantém nas diversas formas de elaboração e compreensão do mundo que persistem nesse *locus* real e imaginado.

No Alto Sertão baiano, o indivíduo interage com um meio marcado pelo signo da transformação. Claro que uma das faces dessa mutabilidade é bastante positiva, pois implica a incorporação a um cotidiano precário em termos científicos e tecnológicos de avanços relevantes, como a criação de empregos, a ampliação de funções sociais, a viabilidade de trocas de saberes com maior rapidez, a globalização do conhecimento pelo uso da Internet etc.

No entanto, a outra face dessa situação levanta questões fulcrais para o universo sertanejo: o progresso foi se estabelecendo através de atividades exploratórias, como a mineração e o agronegócio, cujos métodos demandam pesquisa e discussão e cujos efeitos pedem estudos sérios e aprofundados, que levem em consideração todos os aspectos técnicos, tecnológicos, sociais, envolvidos na formação dos professores que atuam na região. É fundamental para esse espaço geográfico e simbólico a pesquisa em Leitura feita de forma abrangente e inclusiva, entendendo que estudar os variados atos de ler o mundo e a vida, sob a ótica da ciência, da educação, da literatura, da filosofia, da língua, é uma maneira de formar sujeitos capazes de Ler seu entorno, interagir com ele e multiplicar essa habilidade através de suas ações de docência e pesquisa.

A Leitura é a arma mais relevante do professor, seja ele de Literatura, seja ele de Matemática, de Biologia, de História. Isso porque cada disciplina escolar configura uma maneira especial de Ler o mundo e tem um letramento específico. Vale ressaltar, ainda, que as práticas culturais regionais agregam a esses letramentos valores particulares, que os adaptam às condições locais.

Segundo Costa, no fragmento citado, o sujeito-leitor opera ações políticas de mudança – ele é um sujeito de poder. *A priori*, sim. Entretanto, o olhar sobre a sociedade do Alto Sertão aponta para o longo caminho a ser percorrido até que possamos contar, nessa região, com farto e fecundo grupo de sujeitos leitores da literatura, dos processos educativos, das tramas urbanas, das pertinências culturais e linguísticas, das práticas científicas, das formas de sociabilidade etc.

Um dos principais conceitos para se pensar essa relação transdisciplinar entre leitura e formação docente, a saber, o de Cultura, pode viabilizar a conjunção de reflexões que convirjam para uma Formação Docente ampla e consistente, fazendo confluir e interagir campos de conhecimento, os quais, numa perspectiva cartesiana, seriam inconciliáveis, capacitando professores das redes de educação pública e privada, situadas na região do Alto Sertão Baiano e em outras da Bahia e de estados próximos e limítrofes, para que, ao letrarem seus alunos em suas disciplinas específicas, seja na Escola, seja na Universidade, o façam, habilitando-os para que leiam os municípios em que vivem e trabalham e os grupos sociais a que pertencem de forma ativa e

crítica, contribuindo para um crescimento sustentável dessa e de diferentes regiões em todos os aspectos. Estudar as práticas culturais da região é uma forma de contextualizar a discussão, envolvendo docentes e discentes num processo de reinvenção das estratégias de formação de professores.

É Lígia Cademartori quem afirma: “A leitura não provoca apenas alteração mental, mas também física” (CADEMARTORI, 2009, p.23). A leitura muda o Homem, por dentro e por fora, e o torna capaz de produzir sentidos para o mundo. E é preciso enfatizar que a compreensão leitora se aplica a toda e qualquer linguagem, a qualquer prática cultural, a toda ciência e é tarefa das mais variadas disciplinas. Todo professor é um agente de letramento, é um mediador de leitura, uma vez que instrumentaliza seu aluno para que ele compreenda o objeto estudado e possa, eventualmente e dependendo do nível de estudo, interferir sobre ele. Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira afirmam: “O indivíduo letrado não deve apenas aprender a ler e a escrever, mas também apropriar-se da escrita, usar socialmente a leitura e a escrita para responder às demandas sociais” (2010, p.52).

As demandas sociais no Semiárido baiano estão intimamente ligadas à preservação de antigas práticas culturais e de uso sustentável dos recursos naturais, bem como à construção de formas de interação dessa tradição com o desenvolvimento econômico trazido pela mineração e pelo agronegócio, cujas consequências já se tornam visíveis e exigem reflexão e ação.

Ao determinar o espaço simbólico básico sobre o qual inside o ato de ler – a Formação Docente –, podemos pôr em interação questionamentos de matizes diferenciados que focalizem esse espaço simbólico alvo da leitura, de forma a descentralizar o valor literário, incluindo no processo de reflexão distintas textualidades que engendram o mundo contemporâneo e que exercem seu poder sobre os indivíduos, sem que estes possam perceber as tatuagens simbólicas que lhes são marcadas em suas formas de interagir social e culturalmente.

Relação transitiva, cada ato de leitura deve processar uma pessoalização do lido: “Não nos é possível penetrar nos textos que lemos, mas estes podem entrar em nós; é isso precisamente o que constitui a leitura” (SCHOLLES, 1991, p.22). Ler, seja um texto literário, seja um filme, um outdoor, um jornal, um quadro, um texto científico, ou mudanças ambientais, festas tradicionais, ruas das cidades, formas de sociabilidade típicas de uma dada região, então, parece poder ser definido como um momento em que o leitor inscreve, em si, o texto, mesmo que este não seja composto por palavras, mas signos de outra natureza. Por outro lado, o processo tem uma contrapartida: o leitor também se inscreve no texto, uma vez que, ao se deixar ocupar pela palavra, imagem, som, prática cultural, cena cotidiana, intervenção ambiental, enfim, apropria-se da textualidade que tem como objeto, torna-a sua e torna-se ela mesma. Ler implica interpretar e criticar.

O espaço da leitura é um espaço de poder. Como afirma Márcia Abreu, “A leitura não é prática neutra. Ela é campo de disputa, é espaço de poder” (ABREU, 2002, p.15). A leitura, pode-se inferir a partir do que afirma a pesquisadora, é fruto de um confronto entre o texto, qualquer que ele seja, e o leitor. Segundo Laraia, “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2003, p.68). Essa herança é transmitida às novas gerações de diferentes formas, uma delas é a Leitura. Os textos de toda natureza interagem com o passado cultural de cada sociedade e concretizam no bem cultural e nas práticas cotidianas o produto dessa interação. Esse produto pode ser lido para ratificar valores ou para discuti-los, descentralizá-los. Afinal, “... cada sistema cultural está sempre em mudança.” (Idem, p.101) Para Geertz (2002, p.51), instituições, costumes e mudanças sociais são objeto de leitura e essa percepção contraria a tradição dos estudos humanistas e estabelece uma interdisciplinaridade assustadora, para os espíritos mais cartesianos.

Construir o leitor crítico – equivalente aqui a formar docentes – desejado por esta comunicação não é tarefa simples. Ezequiel Theodoro da Silva é muito feliz quando aponta alguns dos entraves desse processo:

O modo de produção e o consumo capitalista fundamentam-se num espírito competitivo e antissolidário, na acumulação desenfreada do capital e do poder. A indústria do entretenimento pasteuriza os valores, transformando tudo, inclusive os comportamentos, em mercadoria. A globalização, mais do que aproximar os povos e as culturas, tem reforçado a lógica perversa de exclusão e a negação das saídas coletivas e utópicas. Não há dúvida: o leitor crítico (que não necessariamente coincide com o intelectual erudito) não interessa à ordem estabelecida. (SILVA, 2009, p.150)

Para que possamos formar docentes – leitores – que atuem com competência como agentes de um letramento crítico, numa perspectiva transdisciplinar, pondo em interação saberes e fazeres artísticos, documentais, científicos, filosóficos e educacionais, precisamos analisar as linguagens que engendram o mundo contemporâneo, discutindo a ordem discursiva com que são construídos fatos e situações, enfocando-as em sua historicidade e em suas interlocuções culturais. É necessário, ainda, que enfoquemos as práticas culturais que subjazem às várias sociabilidades típicas da região e as ações docentes históricas e atuais. Faz-se imprescindível abandonarmos as matrizes cartesianas que geraram formas de pensamento excludentes e hierarquizantes, abrindo as investigações conjugadas pelos docentes, suas pesquisas e suas disciplinas, para uma transdisciplinaridade capaz de articular enfoques distintos da leitura e suas práticas, desdobrando-os por múltiplas áreas de saber, que dialogam e criam um processo rico de interlocução.

## **Referências Bibliográficas**

- 1] ABREU, Márcia. Prefácios: Percursos da Leitura. In.: \_\_\_\_\_ (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras/Associação de Leitura do Brasil/ FAPESP, 2002.p.9-17.
- 2] BORTONI-RICARDO, Stella Maris, MACHADO, Veruska Ribeiro, CASTANHEIRA, Salete Flores. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.
- 3] CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- 4] COSTA, Marta Morais da. **Sempre viva, a leitura**. Curitiba: Aymará, 2009.
- 5] GEERTZ, Clifford. **O saber local**. 5ed. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.
- 6] LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – um conceito antropológico**. 16ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.
- 7] MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ed. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

- 8] \_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. 2ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- 9] NEVES, E. F. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo da história regional e local)**. Salvador – Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia ; Feira de Santana - Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.
- 10] NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**, São Paulo: TRION, 1999
- 11] PIRES, Maria de Fátima Novaes. **Fios da vida: tráfico interprovincial e alforrias nos Sertoins de Sima (1860-1920)**. São Paulo: Annablume, 2009.
- 12] SCHOLLES, Robert. **Protocolos de leitura**. Tradução de Lígia Guterres. Lisboa: Edições 70, 1991.
- 13] SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios**. São Paulo: Global, 2009.
- 14] YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymar, 2009.

---

**Patricia PINA, Profa. Dra.**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Departamento de Ciências Humanas – DCH, Campus VI, Caetité

[dacostapina@gmail.com](mailto:dacostapina@gmail.com) , [ppina@uneb.br](mailto:ppina@uneb.br)